

Inovação, redes e o pioneirismo

João Cravinho

Ministro ...

Engenheiro (19..) pelo

Ouvir cada um dos participantes anteriores foi um reavivar de memória. O Prof. João Gabriel disse, que aprendeu ao longo da vida, mas que também sente isso como um peso, um custo e às vezes até como uma frustração. Gostaria de começar por aí.

Nós partimos da ideia de que há um pioneirismo e experiências pioneiras, umas individuais e outras institucionais, que formam uma base de aprendizagem, através da acção pessoal de inúmeras pessoas, que não desistiram e que continuaram a lutar por elas. Esse é ainda hoje o motor mais forte das políticas para o futuro.

Julgo que se pode provar essa ideia pelas carreiras das pessoas e pela continuação do seu investimento, que não é apenas intelectual, mas também emocional: Fez-se isso com muita paixão, porque sem isso em Portugal este tipo de actividades não vai para além de uma tentativa bastante limitada no tempo. Hoje em dia as pessoas têm outras oportunidades, quando revelam esses talentos, para passarem depois a outra coisa totalmente distinta, muito melhor remunerada e também com as suas vantagens de outra ordem.

Outro segundo aspecto a salientar relativamente a esta experiência é uma das coisas de que eu me lembro no caso do Ener. Lembro-me de na altura se falar num novo estádio do Benfica. Era um projecto do Taveira, em que ele dizia que aquilo ia ter dez obras de arte. E aparece um título fantástico no jornal A Bola a dizer que novo estádio do Benfica até ia ter obras de arte.

Eu lembro-me que se teve um bocado esta reacção em relação ao Ener, devido à sua arquitectura modular, que era apresentada como uma grande vantagem competitiva do modelo. Vantagem não só competitiva, mas também evolutiva e que oferecia a ideia de que tínhamos ali não um produto, mas sim uma família de produtos, que se poderiam ir actualizando.

Entretanto aparece no mercado o IBM PC.

Uma questão que se coloca é como seria se isso fosse hoje, com a participação que os nossos tecnólogos e cientistas já têm em redes internacionais onde vão fazendo investigação de ponta, redes que na altura não existiam de maneira nenhuma.

Porventura aquele tal efeito de Boston poderia ter sido obtido através da participação nas investigações cooperativas que vão sendo promovidas com a participação de instituições de vários países. Teriam tido porventura hoje a uma antevisão mais célere do que poderia ser o tal PC. Será que teriam tido

inclusivamente uma oportunidade de mais rapidamente se aperceberem da obsolescência do vosso próprio produto, dando origem a um conceito mais avançado dentro da mesma linha, de tal maneira que se mitigasse esse problema da concorrência? Esta pergunta é importante. Julgo que ainda hoje essa noção não está presente do lado industrial. Poderá estar hoje em dia presente do lado daqueles que fazem investigação, mas não estará presente do lado dos parceiros industriais.

Apesar de tudo se conseguiu-se um ganho pela participação em vários projectos de ponta que correspondem à integração numa comunidade científica de nível pelo menos europeu, eventualmente mundial, nomeadamente através de doutoramentos nos Estados Unidos e por aí fora. Se for assim, isso é o resultado também do vosso pioneirismo e da vossa própria experiência e o país estará muito melhor.

Do lado industrial, e no caso do Ener, apareceu então o Dr. Guedes, que estaria já falido e que resolveu avançar, por razões que já foram aqui identificadas.

No caso da Messa vale a pena recordar que quando esta entrou em contacto com a equipe do projecto, já a Messa tinha nessa altura dez anos de problemas continuados e eu diria mesmo que a empresa estava já “dopada” em reestruturações.

Em 1970, ou à volta disso, lembro-me de ter ido à Alemanha tratar de um acordo de reestruturação da Messa com a **Olímpia Verk**, que era um grande fabricante de máquinas de escrever mecânicas e que estava interessada em subcontratar a produção mecânica para a Messa, ou mesmo em comprar a própria Messa. Como é costume nestas coisas houve várias reuniões, propostas e contrapropostas e depois, por razões que eu já nem me lembro muito bem, isso não foi avante. Isto passou-se em 1970 e até à década de 80 passaram-se dez anos com a Messa sempre em reestruturação e sempre com o mesmo problema: tinha mil pessoas e não era competitiva.

Quando apareceu um produto que poderia ter levado a algo positivo, só se lembraram da reestruturação, e o governo da época com certeza também fazia alguma pressão para isso. **Mas a Messa não tinha reestruturação possível. Se fosse num ambiente industrial muito mais activo, ou pelo menos num ambiente anglo-saxónico, a resposta era evidente: a Messa fechava, e parte do pessoal e dos quadros, mais eventualmente os capitalistas da Messa e outros, faziam uma nova empresa que ia fazer uma nova máquina de escrever, de base electrónica, e iniciar um novo ciclo de vida.** Se se tivesse feito isso, separava-se entre aquilo que não teria salvação e o que poderia ter futuro.

Há um problema que ainda hoje é grave: nós não somos capazes de fazer uma inovação radical. Porventura estaremos melhor preparados para fazer inovação incremental (que é um pouco o bom exemplo da Bosh-Vulcano). Mas quando se trata de tentar algo totalmente diferente ficamos sempre agarrados ao antigo, com a ideia que vamos transformar o antigo em novo. Se se tivesse entrado radicalmente na Messa, ou se se tivesse abandonado a Messa e procurado uma outra empresa, inclusivamente se se tivesse negociado no estrangeiro com a ideia de constituir, de uma maneira ou outra, uma nova implementação produtora em Portugal, se calhar ter-se-ia encontrado uma saída.

Lembro-me dessa questão da Messa bastante bem porque na altura também me pareceu que o vosso produto era um produto excepcional. Mesmo um leigo percebia que era um mundo de produto novo completamente diferente e toda a gente tinha essa noção. O que é espantoso é que se não se tivesse aproveitado isso exactamente porque estávamos todos agarrados, apesar de tudo, ao mundo velho.

Eu pergunto se hoje em dia nós temos bem a noção de que, no mundo das tecnologias de informação, a inovação e a transformação da inovação em actividade económica funciona melhor dentro de um certo ambiente em rede, tipo cluster, e não isoladamente através de um projecto, ou de uma ideia, ou de uma empresa isolada.

Por exemplo, eu estive recentemente em Aveiro, na PT Inovação, onde a PT Inovação me apresentou uma rede que hoje já tem dezoito empresas. Algumas dessas empresas nasceram da própria PT Inovação, através de quadros que saíram, mas incentivados e apoiados pela própria PT. Isso funcionou e tem sido interessante. Tem aberto perspectivas, inclusivamente de exportação. Pensei que seria natural que essa gente fosse muito visitada pelas poucas sociedades de capital de risco que existem em Portugal. Perguntei-lhes se estavam a trabalhar com alguma ou com várias sociedades de capital de risco, mas disseram-me que nunca lá tinha ido nenhuma. Eu fiquei absolutamente surpreendido que não houvesse nenhuma sociedade de capital de risco que fizesse como qualquer empresa moderna faz, que é ir ter com os seus clientes potenciais e saber o que é que fazem, se precisam de alguma coisa, pô-los a par das hipóteses de expansão do negócio, consolidação, etc..

A experiência que Dr. Lino Fernandes relatou foi meesmo uma das experiências mais dolorosas, visto que esse financiamento era uma componente a fundo perdido financiada a 75% pela Comunidade Europeia. Nem sequer era o nosso dinheiro e foi gerida como se fosse o capital do «Sr. Esteves» que estava a olhar para aquilo com a ideia de quem quer ver a rentabilidade do seu capital no dia seguinte. O resultado que deu foi o retorno do dinheiro a Bruxelas - nunca passou pela cabeça de ninguém que este tipo de fundo pudesse alguma vez voltar a Bruxelas, porque isso é de facto um absurdo muito grande. O nosso capital de risco não é capital de risco das sociedades gestoras, são sociedades financeiras que se comportam um bocadinho melhor do que qualquer banco.

O que julgo ser importante no fundo é expor esta situação, comunicar e criticar, estas coisas não resistem muito tempo a uma crítica interna porque o país felizmente já se dá conta do ónus do peso terrível que isto é e desse ponto de vista avançou-se muito. Quem não tem boas ideias, nem sempre consegue impedir as boas ideias dos outros. Eu estou mais optimista porque acho que antigamente havia decisores que se sentavam em cima de um problema e não havia nada a fazer - eram os donos da bola naquela área, e pelas mais variadas razões nada poderia ser feito sem o seu consentimento, sem o seu o envolvimento, sem o seu amén e sem o interesse directo dessas pessoas. Hoje penso que as coisas já são mais diversificadas, e que já há uma rede a funcionar de tal maneira que, apesar de tudo, já é possível desequilibrar num sentido positivo estas inércias e estas atitudes extremamente conservadores que ainda nos habitam. Julgo que hoje já é possível fazer-se mais.

Permitam-me que diga que hoje em dia só existe o que existe na televisão. Para desequilibrar um pouco o conservadorismo, a inércia, e para chamar as pessoas à sua responsabilidade, tem que se encontrar maneira de chegar a um meio de comunicação de massas. Não é só ficar em casa à espera do resultado. É hoje fundamental utilizar a televisão e os meios de comunicação de massa para colocar o país perante estes desafios.

É preciso instalar a noção de que a questão da expectativa de ganho nestas coisas se mede por números, apesar de tudo dígitos pequenos. É absolutamente normal financiar com investimentos públicos projectos cuja probabilidade de sucesso *expost* se venha a dizer «*bem isto aqui houve 20% de sucesso, é o normal nestas coisas, e porventura 20% será mesmo excelente*».

Infelizmente usa-se por vezes o inverso: o insucesso como demonstração de que quem está a promover estas coisas são uns tipos que são uns doidos porque não põem lá o «seu dinheiro» - mas põem lá a sua inteligência e o seu saber. Esse é outro aspecto da questão que na minha opinião é preciso **desmonstar** e combater, porque não é próprio do funcionamento normal dos sistemas de inovação.